COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Toda Uma Vida', de Henriques Monteiro]

Cristina Costa Vieira

Para citar este documento / To cite this document:

Cristina Costa Vieira, "[Recensão crítica a 'Toda Uma Vida', de Henriques Monteiro]", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 245-248.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

poderosas e complexas redes de interesses e obscuros tráficos de influências.

Apesar da indefinição geográfica anteriormente apontada, os acontecimentos narrados parecem-nos tristemente familiares: a crise de valores éticos entre parceiros sociais, a rutura das estruturas democráticas entregues a especulações, o cenário de campanha eleitoral condicionada pela perspetiva de empate técnico entre os dois maiores partidos, o controlo da vida democrática por grupos a que ninguém reconhece pertencer, os jogos de poder que ditam o destino de um país.

É esse mundo obscuro e em constante tensão que *O Dia Claro* (quer o romance que lemos, quer a coletânea homónima de poemas da autoria de Maria) retrata de modo desapiedado e lúcido, constituindo-se como um poderoso alerta às consciências mais adormecidas. É de valores, ou antes, da sua ausência, que nos fala Júlio Moreira num romance cativante mas, infelizmente, demasiado atual.

Agripina Carriço Vieira

Henrique Monteiro
TODA UMA VIDA
Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2010

O desprezo pela terceira idade, já assinalado por Cícero no célebre *Da Velhice*, acentuou-se numa sociedade ofuscada pelo novo, pela velocidade e pela tecnologia. Neste seu segundo romance, Henrique Monteiro lamenta tal desprezo pela voz de uma octogenária galega, exilada no Algarve soalheiro e repleto de banhistas, e para quem o «tempo acabou, como as ondas acabam na areia, depois de tantos quilómetros percorridos» (p. 169): «Um velho é um pária que vai morrendo sem que dele fique exemplo, experiência, sabedoria, conhecimento» (p. 154-5).

A narradora-protagonista tipifica a velha fisicamente decrépita, solitária, rezingona, saudosista e conservadora: chega a exclamar «Onde chegámos!» (p. 154). A obra ecoa outros textos contemporâneos que meditaram a velhice, como a canção de Jacques Brel «Les Vieux», evocada na narrativa (p. 109 e 145), e o romance vergiliano *Em Nome da Terra* (1990), com o qual o texto de Monteiro apresenta por vezes paralelismos inegáveis, a exemplo de uma similar infantilização do idoso às mãos de uma empregada:

> Fátima está completamente insuportável, insistindo para que eu vá para o duche. Ora eu sentei-me aqui a tomar o pequeno-almoço e não me apetece ir para a casa de banho para ser esfregada e escovada como uma cadela. [...] / Fui obrigada — literalmente — a entrar em casa outra vez, deixar-me despir e meter-me no duche, com uma touca ridícula, com florzinhas de plástico. Fui esfregada pela imbecil, que fala comigo como se eu tivesse cinco anos, e a quem eu respondo como se tivesse dez, de forma impertinente e mal-educada.
>
> Junto da banheira havia uma cadeira de plástico engraçada. Tinha uma placazinha metálica a dizer *autolift* e eu li, Antónia regulou-a à minha altura para eu me sentar. E assim que me sentei, começou-me a despir. / — Eu dispo-me. / — Doutorzinho rabujento. / E sem me dar atenção, continuou a despir-me. Querida. Era uma moça ainda nova e ela retirava-me peça a peça a minha idade adulta até ficar a criança que ela queria. Eu tomo o banho! berrei-lhe para ela acreditar na minha força de homem. E ela disse ora não querem lá ver este menino birrento.[1]

Poder-se-á então perguntar: *quid noui*? O romance de Henrique Monteiro aposta, e bem, na problemática da convicção,

preterindo a da decrepitude, ainda que esta também seja posta em evidência. A protagonista teve ao longo da vida uma série de convicções e no presente narrativo permanece fortemente opinativa. De facto, além de sentir a urgência do testemunho face a um tempo finito a diversos níveis — pessoal, dado o desaparecimento de conhecidos, familiares e amigos; social, dadas as mudanças morais, comportamentais e tecnológicas; e histórico, dadas as guerras volvidas —, a protagonista tipifica uma certa direita, conservadora e elitista, na admiração inicial por Franco, no elogio da missa em latim, nas posições antiaborto, no desdém pelo turismo massificado ou no destrate dado à empregada. Ora, num dos pontos altos deste romance, a expressão «Cara ao sol» é associada não à habitual posição do veraneante na praia, mas ao hino falangista, que encerra tais palavras. A protagonista é focada na frescura da noite, impedida de fruir o marulhar das ondas devido a ruidosos anúncios de corridas tauromáquicas e de comícios políticos (cf. p. 159-60). É este o mote para uma profunda meditação sobre a forma como se constrói e se altera uma convicção e se falha na captação da essência política no meio do ruído propagandístico:

> Se algo aprendi ao longo dos anos foi que os homens mais perigosos são aqueles que têm soluções para tudo. [...]. Os mais perigosos são sempre adeptos de rupturas, de cortes, de grandes programas. Basta pensar nas pessoas que mais danos causaram à humanidade para encontrar esse padrão. Foi assim Hitler, foi assim Estaline — e de certo modo foram também assim Franco e Salazar, Fidel e Pinochet, Pol Pot e Mao...
>
> Em nova também eu tinha convicções bravas, radicais. [...] Em miúda [...] odiava as JONS e a Falange, porque meu pai dissera a Raul que o não queria ver por lá.
>
> Mais crescida aderi entusiasticamente a Franco, sobretudo porque Manuel Blanco dizia que era ele quem nos ia salvar a nós, perdidos em Ayllón no meio de uma guerra sangrenta [...]. Por outro lado, minha mãe sempre responsabilizara [...] os republicanos pela morte de meu pai, o que nos fez pender para o campo nacionalista, de tal modo que me lembro de ter ido com ela e Pilar ao enorme desfile que se fez em Madrid, aclamando o *generalíssimo* [...]. Foi com essa convicção, que se misturava, então, com o agradecimento à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini, por nos terem salvo dos bárbaros vermelhos, como então lhes chamávamos, que cheguei aos meus dezoito anos. [...] Nem a chegada à democrática França, quando fomos para Biarritz, mudou grandemente as minhas convicções; porém, o convívio com o tio George Pardiac [...] foi de certo modo responsável por ir formando uma opinião não muito favorável aos alemães. Depois da ocupação, o modo como eles se referiam aos espanhóis, bem como tudo o que contava *Madame* sobre o que se passava no mundo, desde logo acerca da maneira como tratavam os judeus [...] fez-me pender definitivamente para o lado dos aliados. [...] Adiante: a minha opinião sobre Franco, que nunca fora totalmente negativa, voltou a melhorar por via de D. Nicolás. Sobretudo depois da guerra, quando ele aceitou a nova ordem dos aliados e eu pude compatibilizá-lo com os vencedores.
>
> Assim, no brevíssimo tempo em que trabalhei no Consulado, pertenci à Falange para não destoar. Na altura, a Falange era apoiante de Franco [...] e queria ter um emprego [...]. E por isso cantei o *Cara ao Sol* que era o hino do movimento. É curioso, como a ideia de virar a cara para o sol me atinge numa noite, apesar de passar o dia com a cara ao sol, neste mesmo cadeirão. Mas assim é a nossa memória, repleta de pequenas surpresas
>
> (p. 160-3)

Ressalta nesta passagem a mudança de convicções ao longo de *toda uma vida*, algo de que a protagonista tem plena consciência. Trata-se, assim, de uma personagem complexa, se bem que tipifique, em simultâneo, a velhice, e daí que o autor se tenha abstido de a nomear. Colocam-se então as perguntas: «Como formamos uma convicção?» (p. 165). E será a contradição um defeito? A narradora defende a tese de que a convicção é uma opinião arreigada e geradora de inúmeros conflitos bélicos (onde as mulheres são as principais vítimas), enquanto a hipocrisia funciona como cimento da família e da sociedade, porque garante da convivência (cf. p. 73 e 135-6). Nega, todavia, a tese essencialista, que defende ser a convicção fruto de escolhas pessoais: ela resulta, isso sim, de circunstancialismos, variáveis e inesperados (cf. p. 42-3, 171-2 e 182). E quando se trata de guerras, reais ou morais (como uma guerra civil, a luta antiaborto ou o adultério de um marido), o Homem não consegue antever o que fará para sobreviver ao drama e se negará (em atos) o que antes afirmava fervorosamente. Nada melhor, pois, do que a vida de um idoso para provar a impossibilidade ou o perigo da coerência individual e da uniformidade coletiva. A coerência é mesmo encarada como «uma ideia perigosa» (p. 167), muito próxima do fundamentalismo, aspecto que a experiência da idade desmascara:

> Sinto-me a testemunha final, derradeira, das ideologias em choque numa guerra sem quartel que colocou pais contra filhos e irmãos contra irmãos. Nesse tempo morria-se por uma ideia, morria-se por uma causa, morria-se por um amanhã. [...] Que sonhos tinha o senhor Pardiac quando em Biarritz dava guarida aos resistentes? Em que sociedade pensava Churchill nos seus discursos vibrantes? Que tinha em mente D. Nicolás, o irmão de Francisco Franco, quando me punha a cantar o *Cara al Sol*?
>
> O mundo que a minha geração quis construir desmoronou-se [...].
>
> E os velhos não fazem parte deste mundo.
>
> (p. 200-1)

Mas a protagonista descrê da possibilidade de convencer os outros de mais esta convicção: «Que pode fazer uma velha para convencer o mundo? Nada! Deixa-se estar a ver o mar» (p. 34).

Daí que a narrativa gire em torno de descrições de um mar com o qual a protagonista se identifica (cf. p. 199), que é sinónimo de vida, em contraste com a terra, onde se enterram os mortos (cf. p. 93 e 100), e que desencadeia memórias ziguezagueantes (diríamos, ao sabor das vagas...). É nesse mar do Sul que uma mulher do Norte galego (cf. cap. «Sul e Norte») parece estar decidida a morrer (cf. cap. «Ocaso»).

Por conseguinte, este não é apenas um romance histórico que perspetiva através do olhar heterodoxo de uma idosa a guerra civil espanhola e todo um século destruidor de «identidades singulares em nome de utopias colectivas» (p. 164). Sendo Henrique Monteiro um experiente repórter de guerra, é pertinente a escolha central de uma personagem efabulada e não de uma personalidade marcante do conflito de 1936-39. É que o testemunho da narradora não é apenas histórico, ainda que o resgate do esquecimento seja valorizado: a dedicatória feita à geração dos pais e sogros do autor é uma forma de alertar para a importância da sabedoria dos idosos, que viram homens vulgares cometerem atrocidades em contextos desfavoráveis, tal como alerta Primo Levi (cf. p. 54). Na mesma linha, saber como se passa da ideia à convicção e desta à intolerância e à guerra implica dar menos atenção ao ruí-

do contemporâneo de um excesso de informação desprovida de saber e estar mais atento às lições da negligenciada filosofia (cf. p. 62) e dos velhos livros clássicos (cf. p. 65). O romance de Henrique Monteiro demonstra que um tempo (ou conceito) novo não é necessariamente melhor do que o seu precedente. E o facto é que a trajetória da civilização humana não se tem pautado pelo progresso contínuo, havendo épocas de retrocesso, como alerta a narradora ao evocar o ensaio setecentista de Gibbon sobre a queda do Império Romano. Ouvir os idosos poderá minorar o risco de repetir os mesmos erros...

Cristina Vieira

NOTA

[1] Vergílio Ferreira, *Em nome da Terra*, 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1990, p. 38-9.

ANTOLOGIA

ALEXANDRE HERCULANO

VOL. I — O ESCRITOR

Organização de António Machado Pires e Maria Helena Santana

VOL. II — O CIDADÃO E O HISTORIADOR

Organização de Vitorino Magalhães Godinho e Eurico Gomes Dias

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2010

As comemorações podem ter o valor de abrir caminho para, em torno de obras ou acontecimentos, gerar novos escritos e eventos resultantes de releituras e reanálises, retirando, por vezes, produções culturais ou factos políticos de um imerecido esquecimento. A coincidência da comemoração do centenário da implantação da República, justamente criando uma vasta produção cultural em seu torno, ofuscou a lembrança dos duzentos anos do nascimento de Alexandre Herculano (1810-1877), salvo algumas exceções, entre as quais a atenção dada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, representada por uma antologia em dois volumes de obras do autor. Talvez ainda como referência à República, encontramos as cores que passaram com ela a símbolo da portugalidade: o vermelho e verde que marcam no aspecto gráfico as lombadas dos dois volumes da edição; cores que, embora distantes da realidade política de Herculano, poderão ir ao encontro da sua primordial preocupação com a Pátria.

Os volumes representam mais do que organizações antológicas de obras de Alexandre Herculano e informações biobibliográficas. Oferecem elaborados estudos introdutórios que relevam as razões que presidiram à escolha dos textos. Ao longo destes estudos preambulares vai sendo referida alguma bibliografia passiva referente a aspectos da obra de Herculano.

No primeiro volume, o facto de haver dois especialistas de reconhecido mérito, António Machado Pires e Maria Helena Santana, a tratar da vertente literária da obra de Herculano permite ao leitor beneficiar de duas abordagens e linguagens críticas. No segundo volume, com uma antologia de textos variados, essencialmente retirados de vários tomos dos *Opúsculos*, os organizadores optaram por manter a ortografia das edições utilizadas. O próprio artigo introdutório, assinado por Vitorino Magalhães Godinho, utiliza formas ortográficas da reforma anterior à que está neste momento também em transição. Junta-se-lhe ainda Eurico Gomes Dias na organização do volume.

De forma concisa e densa, no prefácio do volume *O Escritor*, António Machado Pires faz uma apresentação abrangente aos dois volumes desta publicação, ressaltando o valor para a cultura portuguesa da figura cujo bicentenário se comemora,